

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE DEFENSSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

REPRESENTANTE

Em Lisboa

Anibal Cruz

Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Azurva, Povoia, Eixo, Oliveirinha, Bonsucesso, Esqueira, Mataduchos, Taboira, Estarreja, Espinho e Angeja.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem.
Danton

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brasil e Colonias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador

José Marques Damião

Filiado no SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—QUINTÃ DE LOUREIRO (CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

De Lisboa

A palestra do illustre engenheiro sr. Raul Esteves dos Santos.

Mais um domingo de festa na séde da benemerita instituição popular. Cantina Escolar de S. Cristóvão e S. Lourenço, para comemorar os seus vinte anos de existência.

As salas e o vasto recinto da escola n.º 10, onde é a séde da Cantina, encontram-se ornamentadas a capricho, e pela Costa do Castelo há mastros embandeirados.

A abertura das festas do domingo, foi com a interessante palestra do nosso amigo sr. Raul Esteves dos Santos, distinto engenheiro que, na capital sabe inteligentemente pugnar pelo desenvolvimento de obras de protecção á creança.

Constituida a meza pelo sr. Alfredo José Baptista, representante da junta de freguesia de S. Cristóvão, e secretariado pelos srs. Carlos B. da Costa e C. S. Miguel, o presidente diz algumas palavras de justiça sobre a simpática figura do orador.

Em seguida o sr. Raul Esteves dos Santos fala sobre a obra das instituições particulares de Lisboa, historicando a fundação de alguma que mais se tem salientado no campo de instrução e educação infantil, e referindo-se ao espectáculo deprimente de outros tempos; em que certa fidalga distribuiu á porta do seu palacio uma sópa á pobreza, apontou em seguida um livro escrito por uma senhora e que é um verdadeiro libelo contra a assistência nacional aos tuberculosos.

Depois analisou a vida da Santa Casa da Misericórdia e dos hospitais civis, terminando por evocar a obra grandiosa da Voz do Operário, sendo no final muito aplaudido.

Foi oferecido um copo de agua, o que motivou a troca de brindes entre os srs. Alfredo Baptista, Raul Esteves dos Santos, Anibal Cruz e Alexandre Lima, enaltecendo a obra da Cantina Escolar em festa e a sua digna direcção que não se tem poupado a esforços na organização dos festejos.

Amanhã realiza-se a sessão dedicada á imprensa e outras diversões de successo, que levarão á Costa do Castelo muita concorrência.

José Francisco Teixeira

Já se encontra na sua linda habitação do Cabeço, vindo da Figueira da Foz onde é grande comerciante, a passar algum tempo em repouso das suas lides, com sua dedicada esposa o nosso estimado conterrâneo sr. José Francisco Teixeira.

Aqui lhes apresentamos as nossas boas vindas.

LÊR O ECOS DE CACIA

A solidão da Noite

(O que ela nos dá a apreciar)

Recordação saudosa das férias da Páscoa

Quintã tem um todo cativante para aqueles que se dão ao trabalho feliz de lhes observar a beleza, sobretudo para os seus visitantes de cidade. Estes, em contato de ruídos estonteantes, com os olhos cheios de artificios da vida citadina, habituados à policromia de quadros impressionantes e tristes da cidade, apanhando-se por es as encantadoras regiões, sentem-se transportados para um paraíso em que tudo é alegria de viver, em que tudo é ideal, em que têm a doce impressão de que a vida é eterna! Saturados de uma vida artificial, de hipocrisia, na Quintã entregam-se a uma vida simples, sincera — uma vida fraternizada.

Na Quintã há uma vida em que tudo lhes fala com nobreza, em que tudo lhes fala sem a mais pequena mácula de maldade, em que tudo se presta para lhes falar á alma.

O visitante, quasi sempre necessitando duma «pausa compensadora», encontra na Quintã uma vida alegre e sã, um meio acolhedor e convidativo.

Ao contrário do que acontece na cidade, ali se encontram quadros duma policromia encantadora e salutar. O manto divino do Bem, duma vida alegre e simples parece asentar ali os arratais. A essência duma vida alegre e salutar existe em todos. A bondade, a afabilidade e a sinceridade predominam. Ali tu lo é verdade. Não se sabe mentir, embora, á primeira vista pareça impossível. Parece que têm a consciência da responsabilidade. Deixam e governar pelas leis de Deus. Sabem que têm contas a prestar-lhe. E eis em que se fundamenta a noção da responsabilidade.

Ali, na Quintã, tudo nos recebe convidativamente e nos diz os seus encantos: Logo á entrada, uma imensa planície verde vem anunciar-nos a alegria reinante; mais ao centro, uma cachopa fresca vem, muito alegremente, dar-nos a perceber a sinceridade com que aprendeu falar numa noite de luar, numa noite em que, mais olhou para o céu, em que contemplou Deus com o máximo de fé, num momento em que deixou de ver pecadores para se entrega á contemplação divina!

* * *

Cai mansamente a noite. Os últimos raios do Sol vêm anunciar-nos a

alegria que durante o dia reinou, e, acompanhados das últimas andorinhas que alegremente esvoaçam pela imensidão do ar, acabam de nos dizer o último adeus e de nos desejar uma feliz noite. O dourado dos raios do Sol disse-nos, sem sombra de dúvidas a grandiosidade inolvidavel do silêncio que se vai desenrolando. O borborinho do dia terminou para deixar a noite no seu maximo de poder. A solidão impõe-se. E, para se realçar, vem, majestosamente, a lua iluminá-la.

O aspecto da noite, ao brilho do luar, seduz, encanta, absorve num crescendo inolvidavel de entusiasmo e de alegria de viver. Através do imenso mar verde todos os tons se fazem disinguir. Lá ao longe, num longo trecho a imensidão verde é suavemente interrompida pelo calmo e presenteiro Vouga.

O brilho da lua, serena e convidativa, veio pratear-lhe a água para mais fielmente reflectir a beleza vizinha através da nossa alma. Pelo seu curso lento, vai dando, de onde em onde, lagos que nos parecem de prata. Uma suave brisa vem, de quando em quando, num ritmo impecavel, provocar ligeiras ondas nesse imenso mar.

Daí, uma sinfonia euebria.

Pela estrada, um par conversa alegremente, caminhando a passos lentos. A alegria com que conversam, com que trocam as impressões amorosas, com que trocam impressões dum amor a que só preside a Natureza, é extensivel a todos quantos os vejamos. Que meio de alegria! Que meio convidativo! Que meio de encantos! Tudo simples! Tudo simples! Tudo sincero!

Pela estrada, sómente pensando no divino manto protector não lhes pssa pela mente a mais pequena sombra de hipocrisia, a mais pequena sombra de artificios, a mais pequena sombra de especulação traidora.

Assim eles mandam compreender quem os vê, porque caminham muito chegados um ao outro, certos de que entre eles está a protecção de Deus. Tudo fé! Tudo felicidade! Assim convidam os que passam á conservação saúlosa de tão linda noite.

O luar, a calada da noite, o imenso mar verde, o imponente Vouga,

(Continua na 2.ª pag.ª)

ISTO E MAIS AQUILO...

A Conferência em Londres

O meu amigo Argus, pessoa por quem mantenho a maior estima e muita consideração, abor-dava há dias, «Ao correr da pena», neste mesmo periódico, a tremenda crise que o Mundo atravessa, rematando as suas considerações deste modo: «Oxalá ao menos nesta conferência (a conferência Económica de Londres) a tal agitação consiga arranjar canto onde se meta duma vez para sempre, deixando o mundo gosar aquela Paz que tão precisa lhe é, para tudo entrar novamente nos eixos, dos quais há muito tempo anda fóra».

Vejo que o meu presado amigo Argus ainda é daqueles poucos que acreditam, nesta altura, nos resultados práticos da Conferência de Londres!—Desengane-se, meu bom idealista. Ca na realidade dos factos. Também eu acreditei, melhor, procurei acreditar, nesses bons resultados, mas breve fui convencido da sua impossibilidade e da inutilidade dos esforços de Macdonald. Interesses de ordem absolutamente antagónicos, separam os estados que na mesa da Conferência têm assento, opondo-lhe todos os obstáculos, difíceis de remover. Vivemos numa época demasiada egoísta, demasiado «cada um governa-se». E as nações só podem contar consigo mesmo. Além disso está ali, em Londres, muita gente junta; e muita gente junta, como sabe, não se entende.

Note o meu caro a atitude falsa dos americanos nessa Conferência, desdizendo com a mesma cara o que momentos antes haviam dito e quasi que jurado. Uns pândegos!

Fala-se já no seu adiamento. E o adiamento, num caso destes, é confessar o seu malogro. Apenas uma forma decente dos seus organizadores, se verem livres daquela... enrascada.

E o Mundo continuará encravado..

Lisboa, Julho 1933

Esse Torres.

Escritos

Existem alguns escritos nesta redacção já da semana p. p. que por absoluta falta de espaço, ficam para depois do aniversário do *Ecos*, pelo que desde já pedimos desculpa aos seus autores.

Este numero foi visado pela Censura

LIVROS

Carvalho Duarte e o seu livro
«O ditador da violência»

Acabamos de ler, com bastante interesse, o livro denominado «O ditador da violência», da autoria do nosso illustre camarada de imprensa sr. Carvalho Duarte, que a «Editorial Republica», em cuidada edição, deu á estampa.

Carvalho Duarte já conhecido como brilhante jornalista, orador fluente e irudite; revela-se nos agora tambem, com a publicação da sua obra, como escritor de talento e de grande futuro.

O seu livro escrito com concisão e clareza, despido de linguagem aparatosa, é indiscutivelmente uma obra oportunissima e de inegável valôr.

Começa por, em traços rapidos, desenhar o homem na sociedade primitiva, e a evolução sofrida por ele até chegar ao estado de civilização actual.

Descreve sucintamente, as torturas que sofreram os pensadores de todos os tempos, ao pretender em fazer irradiar a luz progressiva da ciência, e ao apregoarem ideias d'uma pureza cristalina.

Passa em revista figuras gigantes, que o saber immortalizou, como Galileu, o sabio que tanto desenvolvimento deu á ciência; Julio V a maior das grandes imaginações; Ferrer, o mártir idealista, morto pelas balas assassinas da reacção; Sócrates, o filósofo ateniense condenado á pena ultima por prégar doutrinas; Seneca, grande pensador, que recebeu a morte por desejar com os seus conterrâneos, evitar que Nero, seu discipulo—Cara-de-bonze, o monstro romano que não hesitou em matar mãe e esposa, para satisfazer os desejos d'uma mulher, a formosa mas malfica Poppéa, e em ordenar o incendio de Roma para se comparar ao infeliz Priamo, que cantou em dulcissimos versos a morte da sua patria que viu destruida por chamas vorazes—continuasse a série de crimes por ele praticados; e Jesus Cristo, o poético revolucionario, defensor acérrimo dos oprimidos, que depois d'uma vida de sofrimento em prol d'uma humanidade escravizada, morreu cruzificado no alto do Golgotha.

Até que... surge-nos a Alemanha com os symptomas profundos da mais completa desorganisação, cheirando a pólvora e fogo, como incmensuravel arsenal, onde dia e noite se trabalha na construção dos mais estranhos e aprefeccionados instrumentos de morte e destruição. É um edificio enorme, incendiado pelas labaredas espirituais, alimentadas pela idéa de *revanche* dos seus habitantes, onde se destaca como piramide colossal em meio d'um deserto, a figura de Hitler, de sobre-olho carregado como Mussolini, e de chapéu bicornio com pretensões a Napoleão, o ambicioso

A Solidão da Noite

um par amoroso! Que harmonia encantadora! Que poesia absorvante!

Mais além, acompanhando sempre são grande beleza, descrevendo ligeiras curvas, o Vouga deixa-se atravessar por uma ponte que serve de mirante áqueles que querem admirar a deslumbrante sinfonia da Natureza. De um lado e doutro da ponte, a água, num largo lençol, estende-se para o além e, através da sua grandeza, deixa perceber o encanto da noite.

As águas, quietas, aumentam o silêncio.

Enlevados nesse meio de grande alegria, para qualquer lado que olhamos a beleza não tem fim: ali, ao pé são os salgueiros, em grande extensão, que nos tornam o meio mais acolhedor e alegre; mais ao longe são os Campos de trigo, cevada, que já nos vêm dizer o resultado satisfatório do

trabalho de há pouco tempo; e, mais ao longe ainda, grandes pinhais dispersos prometem dar-nos momentos duma alegria indizível!

Todos esses encantadores quadros encadeiam-se tão harmoniosamente, completam-se tão perfeitamente que nos convidam a não esquecer o grande e delicado espectáculo, que nos eleva a alma, que nos leva ao «sursum corda»!

A solidão continua. Tudo dorme. No silêncio da noite tudo parece gozar as regalias, da «pausa compensadora». E só nós, na esperançosa curiosidade de descobrir os mistérios da Natureza, não dormimos!

Quintã do Loureiro, Abril de 1933

A. M. T.

Finis Patriæ

DE

Guerra Junqueiro

Crianças rôtas, sem abrigo...
A enxada é pobre e a roupa é leve...
Quarto sem luz, mesa sem trigo...
¿Quem é que bate ao meu postigo?
—A Neve!

A usura rouba a luz e o ar
E o negro pão que a gente come...
Inverno vil... Parou o tear...
Quem vem sentar-se no meu lar?
—A Fome!

Lume apagado e o berço em pranto
Na terra húmida, Senhor!
A mãe sem leite... o pai a um canto...
¿Quem vem além torva de espanto?
—A Dôr!

Alcool! Veneno que conforta,
Monstro satânico e sublime!...
Beber! beber... e a mágoa é morta!...
Quem é que espreita á nossa porta?
—O Crime!

Dôze anos já, e seminal
A mãe, que é dela?... O pai no officio...
Corpo em botão d'aurora e lua!...
¿Quem canta além daquela rua?
—O Vicio!

A fome e o frio, a dôr e a usura,
O vicio e o crime... ignábil sorte!
Oh vida negra! Oh vida dura!...
Deus! quem consola a Desventura?
—A Morte!

DE TABOUEIRA

Realizaram-se aqui nesta localidade as festas á Proreira, que neste ano foram no costume da terra, o que tudo correu na melhor ordem e boa harmonia, fazendo-se no dia 24 a entrega do ramo ao novo Juiz, para o ano de 1934 sr. Adelino Nunes Guimaraes, o qual desde já felicitamos; e esperamos que se não poupe a esforços para que assim as festas tenham o brilho dos anos anteriores.

—Viudos de Lisboa estão nesta localidade em companhia de suas familias, os Srs. Manuel M. Nunes e sua esposa, Marcelino da Cruz e sua esposa, José de Fernandes, Manuel Fernandes, Jaime Rodrigues Machado e filhos, José Maria Guimaraes dos Santos e esposa; do Porto Anastacio R. Migueis, Antonio Maria R. Migueis, Antonio Simões Aidos, Manuel Pereira de Carvalho e sua esposa, José Marques da Graça, Manuel Marques da Graça e familia, Amal Simões e esposa, em parte já todos retiraram.

C.

Pavões

Ven-te se um caso!
Nesta Relação se diz.

muito veio beneficiar todas as boas casas de casa.

D aqui felicitamos quem tanto trabalha em prol do Sobreiro.

Desistres—Há dias quando vinha de Serem montado em bicicleta o sr. Francisco Simões de Campos, ao atravessar o passo nivel da Cavada Nova, em Abergaria, vindo em sentido contrario um outro ciclista, chocaram-se, de maneira que ambos ficaram muito feridos, e as bicicletas completamente inutilizadas.

Ao sr. Campos, daqui-lhe desejamos as suas rapidas melhoras; lamentando este desastre.

—Igualmente há dias quando vinha de Val-maior com um carro de bois o sr. Francisco Lemos, ao passar na curva da Fonte R. ícha em Abergaria um automovel que vinha de Aveiro, chocou com o sr. Lemos, que ficou com o braço direito partido, além de outras ecuriações pelo corpo.

Lamentamos igualmente o succedido, chamando toda a atenção para os srs. bulantes, pois que, estão transgredindo a lei a cada paço.

A. D. M.

francez.

Hitler!... Hitler!... Oellenias... O homem em quem o povo alemão põe todas as suas esperanças...

Seguem ávante, nervosos, ávidos de conquista, desprezando o rasto de sangue que marcará eternamente a passagem, até estabelecerem o seu artificial e efémero império, durante o qual realizam n'uma avidéz insaciavel as mais tôrpes emprezas; até que n'uma vertigem, se precipitam no abismo profundissimo cavado pela sua obra, ficando aí sepultados para sempre, tendo a cobri-los, a indiferença d'aquelles a quem ofertaram benesses, e a maldição dos outros a quem infligiram supplicios.

No livro de Carvalho Duarte encontra-se vincada a pincelada profundamente nitida, a autêntica biografia de Hitler, as suas ideias, a sua acção; assim como as fases difficultosas que a Alemanha tem atravessado desde 1914, o inicio da guerra até ao momento actual.

Carvalho Duarte foi feliz. A sua obra tem acentuado valor; e por isso lhe enviamos as mais sinceras felicitações; desejando simultaneamente, que ele se não deixe ficar na sonolenta madorna, que na nossa terra, costuma acometer os que colhem loiros.

K.

Rifa

Tem lugar no domingo 30, a rifa de uns sapatos, que se fez ao pé do estabelecimento da sr.ª Aldegundes em Mataduchos, abrilantada por um grupo musical de Esgueira. Quem até essa data não pagar, perde o direito ao premio.

O professor de primeiras letras: —Quais são os meninos que vão para o céu?

Um dos pequenos:—São os que morrem.

De Mataduchos

Fazem anos nos seguintes dias: Dia 29, a filhinha da sr.ª Edalina Amaral da Rocha, e do sr. João Rocha, actualmente na America.

Dia 31, faz 10 anos a filhinha do sr. Antonio Francisco, empregado da C. P. em Vila Franca de Xira.

Dia 1 de Agosto, Angela Dias dos Santos actualmente em Frosos.

Dia 2, A sr.ª D. Clara Gomes Guantier esposa do sr. Manuel Martins de Oliveira, residente em Cascais.

Exames—Foram aprovados os seguintes alunos desta localidade: Aida Joaquina Bastos Silva, Albertina Maria Tavares dos Santos, e Raul dos Santos Neto.

Nascimento—Deu á luz uma robusta criança do sexo feminino, a sr.ª Maria dos Anjos, de Mataduchos.

—Tambem deu há luz uma criança do sexo masculino a sr.ª Zulmira Simões da Cunha, esposa do sr. Manuel da Cunha.

Viola.

Carta de Vilarihuo

Realizou-se em 29 do mês p. um leilão das ofertas que por ocasião dos festejos de S.º Antonio foram oferecidas, constando as mesmas de Trigo, Cevada, Azeite, e um leitão.

Apesar de este leilão estar muito concorrido, as ofertas renderam pouco dinheiro, pois que todos se queixam do mesmo mal. Produto esse que reverte em favor da mesma festa.

Após esta aramatação, tivemos ali, no Largo da Capela, um baile ao som de certo instrumento de corda, onde toda a mocidade se divertio até altas horas da noite.

DOENTE

Encontra-se bastante doente com uma febre intestinal, a simpatica menina Florinda N. Teixeira.

A esta nossa patria, aqui lhe desejamos umas rapidas e sinceras melhoras.

Observador.

De Angeja

Falecimento—Após um prolongado sofrimento, faleceu aqui no dia 12 do corrente com 64 anos, a Sr.ª Adelaide da Silva Rainha.

O seu feneral que teve lugar no dia seguinte, foi largamente concorrido, vindo se no mesmo uma linda corôa de flores artificiais com a seguinte dedicatória:

Sincera Recordação de seus sobrinhos Gonçalo de Oliveira Santos e sua esposa.

Os nossos sentidos pesames. —Repentinamente faleceu aqui tambem no dia 23 na casa de sua residencia, a esposa do sr. Francisco António.

O seu funeral que foi no dia seguinte, foi largamente concorrido.

A familia Nogueira Souto, o nosso cartão de Condulencia.

Nascimento—Deu á luz na semana p. p. uma robusta criança do sexo masculino, a esposa do sr. Alfredo Cravo.

Tanto a recém-nascida como a parturiente, encontram-se bem.

N. Sr.ª das Neves—Devem ter lugar no proximo dia 5 as tradicionais festas á Padroeira N. S.ª das Neves.

Estas festas serão abrilhantadas com as Bandas de musica, de Angeja, e Loureiro.

Chegadas—Vindo de Lisboa, chegou a Angeja no dia 20, as sr.ªs Adelaide Baptista e seu marido.

As nossas boas vindas.

C.

Carta do Sobreiro

Casamento—Deve ter lugar no proximo dia 7 de Agosto, o enlace matrimonial do nosso dedicado amigo e companheiro de infancia sr. Manuel Alves da Silva, deste lugar; com a simpatica e aprendida menina Gloria dos Santos do Funtão.

Com a divida antecedência, e por este meio, aqui lhes endereçamos as nossas mais sinceras felicitações, desejando-lhes um futuro cheio de todas as prosperidades de que os noventos são dignos.

Melhoramento—Até que terminaram com honra para todos os povos deste lugar a construção dos novos tanques de lavar, pois que este importante melhoramento,

Sindicato da Imprensa Portuguesa

A conferência do sr. Visconde de Lagôa

Na sede do Sindicato da Imprensa Portuguesa (Palacio dos Viscondes da Graça), em Lisboa, realizou na quinta-feira pretérita uma interessante conferencia o illustre jornalista sr. Visconde de Lagôa, que dissertou sobre o tema *heróis olvidados da epopeia portugueza no Brazil*.

A suntuosa sala estava bastante concorrida e o conferente foi muito aplaudido.

* * *

UMA PORTARIA

Para que a ninguem seja dado o direito de usar a antiga ou nova designação deste Sindicato, o sr. ministro do interior mandou para o *Diário do Governo* (1ª série) n.º 152, de 8 de Junho ultimo, a seguinte portaria:

Tendo o Sindicato da Pequena Imprensa e Imprensa Regional na sua Assembleia Geral de 6-12-1931 aprovado os seus novos estatutos pelos quais passou a denominar-se Sindicato da Imprensa Portuguesa e tendo os referidos estatutos sido aprovados por avará do Ministerio das Finanças de 19 de Maio de 1932, publicação no *Diário do Governo* n.º 120 de 25 do mesmo mês e ano:

Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo Ministerio do Interior referir o referido avará, transitando para o mesmo Sindicato, na sua actual designação official as regularias, que pelo Decreto 17.493 de 20 de Março de 1931 lhe foram concedidas, com a sua anterior designação.

Ministerio do Interior, 8 de Julho de 1933

*O Ministro do Interior
Alvaro Soares Pinto dos Reis Júnior*

Falecimento

Faleceu em Sarrazola no dia 22 do corrente, com 53 anos de idade, após uns 4 dias de sofrimento o sr. Joaquim Rodrigues dos Santos.

O extinto que era geralmente estimado, deixa viúva a sr.ª Vitoria Rodrigues dos Santos, e na orfandade 7 tenras crianças.

O seu funeral que teve lugar no dia 23, constituiu uma verdadeira homenagem de pesar, incorporando-se no mesmo muitas dezenas de habitantes não só de Sarrazola e Cacia, como de outras terras sirconvisinhas; por onde o falecido contava muitos amigos. Tratou deste funeral a antiga Agencia Funeraria de Silvério Marques da Cunha o (Sicristão)

A toda a familia em crepes, o *«Ecos de Cacia»* apresenta os seus mais sentidos pesames

LUZ ELECTRICA EM CACIA

CONVITE

Desempenhando-nos das unções de que fomos incumbidos pela Comissão Central, convidamos por este meio, todos os nossos conterrâneos residentes em Lisboa e arrabaldes, a comparecer no dia 30 do corrente pelas 10 horas na Rua Sousa Martins, 5 3.º Prt.º, afim de se tratar da melhor forma de contribuir para a rápida execução d'esse grande melhoramento que é a Luz electrica na freguesia de CACIA.

Lisboa, 18 de Julho de 1933

Pela Sub-Comissão em Lisboa

Manuel Domingues Nina



POSTO RADIO CACIA



A. FERNANDES

Telegramas da ultima hora.

Taboiera, 23— Labra aqui um grande desgosto entre certo festeiro de Santa Maria Madalena, por este ter um trabalhão na composição do programa da mesma festa, para ser feito á BÓRLA em um dos jornais que não é da sua teição,— mas sim por entremedio do seu correspondente— e como é o que têm mais espãção... e para ser feito á MUA, tóca de fazer um pouco de sacrificio.

Nicolas

Taboiera, 24— Continua o mesmo descontentamento no festeiro, porque o Director do referido jornal foi izajero, porque pediu 27\$500 por 200 programas, incluindo a publicação no mesmo jornal.

Nicolas

Aveiro, 20— Uma menina das proximidades do Rocio, anda a perder de vista o seu namoro, por este andar próximo do quartel ao raicho.

Vaitet.

Aveiro, 21— Um grupo de rapazes, reunidos ontem na antiga casa cardoso, resolveram matar no próximo domingo o porquito.

Boston.

Aveiro, 22— Na praça do peixe existem as mais belas mulheres, capazes de fazer arrepiar os cabelos dos homens. Ainda há pouco um ia ficando caréca.

Roger.

Aveiro, 23— O arame foi há bruxa para ver se morria hoje ou amanhã. A bruxa com toda a sua sabedoria disse-lhe que nunca morria.

Esta alto, é imortal!...

Especial

Lisboa, 19— Há por aqui certos mentirosos que criticam o *«Ecos de Cacia»* por este lhes não dar guarida.

Pobres diabos.

Especial

Editorial Republica

Temos em nosso poder os interessantes volumes publicados pela *«Editorial Republica»*, destinados a constituir do mesmo nome, sob a intelligente direcção do nosso estimado amigo Sr. Ribeiro de Carvalho, brilhante jornalista e escritor de nomeada.

Na devida altura lhe faremos as referências de que são merecedores, cuja critica está a cargo do nosso illustre camarada sr. Kropotkine Lopes de Oliveira.

António Lourenço

Vindo de Lisboa, onde se encontra há muitos anos na Panificação esteve aqui apenas 2 dias, retirando-se já acompanhado com sua esposa e filhos, o nosso bello amigo sr. António Lourenço.

A este nosso assinante sua esposa e filhos, aqui lhes endireçamos as nossas mais sinceras felicitações de uma feliz viagem.

José Marques Anileiro

Está em Eixo, na companhia de seus pais, vindo de Oeiras, onde esteve na vida militar durante o tempo que lhe diz respeito, o nosso assinante sr. José Marques Anileiro.

O nosso cartão de boas vindas.

ECOS DE CACIA A morte da rosinha

—0—

E' no próximo dia 1, que completa mais um ano de luta pelo desenvolvimento de Cacia.

A todos os nossos estimados colaboradores que nos queiram honrar com a sua colaboração, é favor envia-las o mais rapido possivel.

O Anoitecer em Cacia

Nos gigantescos pinheiros de Cacia
Reflecta
O luar;
E o dia
A findar

Para as bandas do poente.
Velozmente
Para os adeus derradeiros.

Uma fita de carreiros,
Simuosa,
Grandiosa,
S'estendia;
E faustosa
Recolhia.

O gado mui mansamente
Descendo
Pelas encostas dos outeiros.

ao azul do firmamento
Desmaiado,
E encantado,
Negro fumo
Muito baço
Sempre a prumo

Vai subindo... Vai subindo...
E saindo
Desses f'gos alvecentos.

Finalmente na encantadora aldeia
Tangia brandamente o sino gasto.
E no lar campesino, humilde e casto
Juntava-se a familia para a ceia

João Pereira Bastos

João Cansado de Carvalho

—0—

No Instituto Industrial de Lisboa, passou o seu ano luttivo com brilhantes classificações, o illustre academico e nosso querido amigo, Sr. João Cansado de Carvalho.

Para o futuro engenheiro, vão as nossas mais sinceras felicitações.

DISPERSOS

—0—

*No turbilhão d'uma vida,
Ele ha tanta ingratid'io!...
Como pedra denegrida
Que nos gela o coração.*

*Ouvindo falar nas m'es
O meu prazer é fecundo;
Mas se já não tenho mãe,
Quem me defende no mundo?*

*Isto são pedaços d'alma,
Pedaços do meu coração,
Se soffro, ninguem me salva
De tanta desilusão....*

*As aves cantam arpejos
Para distrair seu tempo,
Só não sinto os teus h'ijos...
É paro mi'n um tormento.*

Lisboa, 28-5-933.

H. Pimenta

Madrugada de Primavera. Ceu anilado. Jórri s de luz vermelha com reflexos do ouro. Passarinhos cinzentos, mosqueados de castanho, negros de azeviche; estoaçando alegremente por cima de arbustos coloridos de verde, entoam o himno do *«Alvorecer»* em maviosos trinados que se esvarem das suas gargantas de cristal.

Uma brisa perpassa levemente executando fantásticos bailados, ao som d'uma musica misteriosa que parte das aguas limpidas dum riacho ondulante.

Um jardim. Florinhas róxas, brancas, azuis, amarelas, encarnadas... Violetas sonhadóras expõem arômas subtis... Alvos lírios espreguizam-se vagarosamente, produzindo caprichosas ondulações... Campainhas dum puro azul celestial, abrem as pétalas medrosamente, com receio... Amarelos Malmequeres, olham o sol e sorriem-se... Uma Rosa carminada de beleza fascinante acorda... Ergue-se agora com requellos de ladiga. As suas aveludadas pétalas perderam a côr acmiravel que possuíam e caem-lhe com desalento. Olha o invisível melancolicamente. Pequenas e brilhantes gotas de orvalho saltiam ligeiras por sobre a sua adoravel corôla, dando a idea de lagrimas expeditas por um coração moribundo

Que tem? ... pergunta carinhosamente uma *«Perpétua»*

Ouve-se um murmurar quasi tão impercipível como o voar d'uma minúscula abelha dourada:

—O amor que foje... A morte que se aproxima... O amor é uma sensação inerente a todo o ser vivo... Ele cria herois, derruba obstáculos, transporta-nos a mundos desconhecidos umas vezes para nos ofertar a Vida... outras para nos entregar á morte...

Eu amei com fervor... fui amada. Habitei um paraizo edénico, lá longe... nas regiões eteréas, onde as florinhas emanavam luz doirada e doce como estrelinhas fixas nas imensidões dos ceus; e as maripósas voando man'a e graças suavemente ciciavam cánticos de suavissimos arpejos... Tudo Beleza... Encanto... Felicidade...

Mas hoje esse amor morre... e com ele fenece a minha alma...

Lá no alto, irradiando scintilações matizadas; o sol sorri ironicamente.

Kropotkine

Fingindo de Homens

Alguns garôtos, entre estes existe dois irmãos, postes da miséria, algo freqüentadores de nossa linda e encantadora Samouqueira e arredores, os quais fingem ser alguém, quando afinal não passam de uns canalhas, entretêm-se em dirigir chataças grosseiras a todas as raparigas que por ali se espalham com os seus gados, ou em qualquer outro mistér, bujardas essas que muito ofendem a moral publica.

Há quem alvitre a intervenção da autoridade para esta pôr cêbro ao desaforo dos tões malandrêtes. Mas nós entendemos que talvez não fosse mau um bom par de bofetadas, e até seria caso para estabelecer um prêmio quando essas fossem dadas por uma das ofendidas.

Para S. Pedro do Sul

Retirou-se de Sarrazola no dia 23 do corrente mês para uso das aguas de S. Pedro do Sul, a sr.ª Maria José Nunes, esposa do nosso bello amigo e assinante sr. Amadeu Martins Coreira, que se encontra em Sarrazola passando uns 2 meses em descanso das lides alfacinhas.

Os nossos cumprimentos.

Grandiosas e Imponentes Festas

EM HONRA DE

N. S.^a da Memória

NOS DIAS 14, 15 E 16 DE AGOSTO DE 1933

NO PAÇO E POVOA

2 Bandas de Musica 2

As magnificas Bandas de Musica do Grupo Scouts da Murtosa e Canelas, abri-
llantarão o arraial nocturno—Deslumbrante fôgo de arteficio fornecido
por um dos melhores pirotecnicos do districto.

Programa

Uns 3 dias antes das festas, serão as mes-
mas anunciadas por grandes salvas de morteiros,
as quais levam não só ao Paço e Povoia, como a
todas as terras circunvisinhas a boa nova que se
vai festejar a N.^a Sr.^a da Memória.

Dia 14 de Agosto—A's 14 horas deverá
dar entrada em Vilarinho a Banda dos Scouts da
Murtosa, que depois de percorrer todas as ruas des-
te lugar, seguirá para a Povoia onde igualmente
percorrerá todas as ruas, seguindo a mesma para
o local dos festejos onde será aguardada com delí-
rio por todos os habitantes das duas povoações,
pois que nessa altura já todo o Paço se encontra
lindamente ornamentado muito a capricho pelo
habil iluminador de Albergaria-a-Velha sr. José
Ferreira de Almeida o (Terceiro) que mais uma
vez mostrará as suas novas surpresas a todos os
forasteiros de N.^a Sr.^a da Memória, percorrendo
no meio de muitos curiosos, todas as ruas do Pa-
ço, dando-se assim principio á festa, seguindo-se
a recôlha, acompanhadas pela mesma Banda, de
todas as devoções a N.^a Sr.^a da Memória.

A's 20 horas, deverá dar entrada no recinto
dos festejos, a Banda Canelense, que igualmente
dará as boas festas a todos os moradores do Pa-
ço e Povoia.

A's 22 horas, subirão as duas bandas para
os seus respectivos corêtos, que no largo da Ca-
pela fazem o conjunto da mesma ornamentação,
onde executarão do seu repertorio as suas melho-
res peças, até á madrugada do dia seguinte.

Nos intervalos queimar-se-ão grandes e varia-

das descargas de fôgo, não só em morteiros, co-
mo um grande numero de variadissimas vistas, as
quais darão ao arraial nocturno uma certa elegân-
cia, para o que está contratado um dos melhores
pirotecnicos do nosso districto.

Dia 15 de Agosto—A alvorada dêste dia,
será feita pela Banda dos Scouts que percorrerá
as ruas das duas povoações.

A's 11 horas deverá começar na linda ermi-
da de N.^a Sr.^a da Memória, a missa solene, na
qual tomá parte a mesma banda, subindo ao pul-
pito um orador sacro dos melhores do nosso con-
celho, no fim da qual será organizada uma linda e
vistosa procissão, que percorrerá todas as ruas do
co tume.

O arraial da tarde, que como de sempre é
enormemente concorrido, é abrilhantado pela mes-
ma banda de musica, e por uma encantadora cor-
rida a cavalo onde serão disputadas as saborosas
e apreciadas fugações.

Dia 16 de Agosto—Neste dia, e ainda acom-
panhados com a Banda dos Scouts da Murtosa,
todos os festeiros irão dar as despedidas a todos
os seus conterrâneos.

A tarde, haverá corridas de cantarinhas, a pé
e de bicicleta para toda a mocidade, e assim ter-
minarão os festejos no Paço e Povoia a No-ssa Se-
nhora da Memória de 1933.

O JUIZ

António Rodrigues Barbosa

Manuel S. Nogueira Ao correr da pena...

Vindo de Ancas, onde é in-
dustrial de Panificação esteve na
Quinta acompanhado com sua
dedicada esposa em visita a seus
pais no domingo p. p. o nosso
estimado conterrâneo e bom ami-
go sr. Manuel Simões Nogueira.
A êste nosso assinante e sua
esposa, penhoradamente aqui lhes
agradecemos as mais visitas que
se dignaram em nos fazer.

João Macêdo da Cunha

Retirou-se de Aveiro para a
Costa Nova na ultima semana,
onde vai exercer as mesmas fun-
ções que nesta cidade, durante, a
epoca banear o empregado su-
perior da Padaria Macêdo, o nos-
so estimado assinante sr. João
Macêdo da Cunha.

Sinceridade Francesa

Está, como já se disse, reu-
nida em Londres á Conferên-
cia. Economica Internacional,
tratando-se é claro, nessa reu-
nião, das questões aduaneiras.
—A França deve ter já aberto
o "bico" para dar o seu "pio".
Com certeza que já.—E o
que vemos fazer á França?

Nada mais nada menos que
fechar as suas alfandegas aos
productos portuguezes, como
se Portugal para com a Fran-
ça, fosse "roupa de francez".

É bem pouco consentanea
a atitude que a França acaba
de tomar contra nós, sabendo
como ninguém, o quanto lhe

foi útil, o auxilio que lhe pres-
támos na guerra com o alem-
ão.

Repete-se o axioma:—*por
bem fazer, mal haver.* Sem
pre assim foi e ha-de conti-
nuar a ser, por mais voltas que
se lhe dê. O que nos dá algu-
ma satisfação moral, é respon-
der-se-lhe na mesma moeda.
E, quem sabe?

Talves seja peor para ela,
que para nós.

Correndo parelhas com a
maldade franceza em relação
às barreiras alfandegarias, te-
mos nós o endiabrado vento
norte, e para êle, é que os fran-
cêses haviam de inventar umas
barreiras, para nos livrar das
suas investidas furiosas, que
duram á perto de dois mezes,

e estamos a ver que nunca
mais finda. Tomou o comando
dos tempos, e, et secula secu-
lorum... amen.

O pior é que o pobre do
lavrador vê tudo ir de pernas
ao ar, que é mesmo uma dor
de consciência vêr-se.

Se não nos vem milho afri-
cano para a falta do nosso,
estamos têsos.

E que volta...

Argus.

Francisco da Silva Forte

Forte no sortido e fraco
nos preços

150, R. Patrocínio, 152 e R.
Saraiva Carvalho, 129 Lisboa

Telefone n.º 2.971

A terra é varzea extensa onde
vagueamos errantes. A terra,
planura penosa e jacunda onde
cada um arrasta a grilbeta mais
ou menos difficil da sua sorte, é,
sem dúvida, a fonte de todas as
riquezas, a alma máter da vida
universal.

É no seu seio que o mineiro
extraí o pasto das grandes indús-
trias; o químico retira o objecto
das suas luctações; as plantas
haurim a sua pujança; que os po-
bres, enfim, buscam o seu relati-
vo bem-estar.

É pois do ventre da terra que
irrompém os rios coudalosos que
fecundam os campos; as nascent-
es medicinais e é ainda no ven-
tre da terra que o lavrador labo-
rioso lança a semente para de-
pois, marav lhosamente multipli-
cada, recollir o sustento seu e
d'outros seres tão ligitimamente
vivos como êle que por ven-
tura tenha a seu cargo.

A terra, leitores, é bem mais
digna do nosso carinho, do nos-
so amor do que muitos pensam
e entendem.

Se ela muitas vezes (a quem
dela vive) não compensa a fadiga
quotidiana, senão proporciona o
conforto, o fausto e a grandesa
ficta dos meios citadinos, não
devemos deixar-nos invadir pelo
despeito por essas mirabolancias
que não passam duma miséria
dourada, duma grandesa faméi-
ca ou duma apparencia valetudin-
ária.

O lavrador,— e quem diz o la-
vrador diz todo o obreiro da
terra,— todo o trabalhador agri-
cola digno da geração de anta-
nho não se impressiona com apa-
rências.

É certo que a vida agricola
moderna necessita de certos co-
nhcimentos técnicos, que os nos-
sos avós não dispunham.

Mas ao adquiri-los volte-se vo-
luntariamente para a cultura vivifican-
te desses prados vastos e fecun-
dos que constituiram sempre a
maior glória e a maior riqueza
dos povos. Ha quem objecte que
a agricultura é mal remunerada!

Mal remunerada?!...

Que melhor remuneração pre-
cisa o lavrador, tendo o celeiro
farto, e com o suficiente para
manter-se e aos seus? O luxo da
época absorve todas as economias,
todas as prendas, todas as
parcimónias...

Mas o lavrador honesto, ver-
dadeiramente probo, laborioso
e sensato não se cega por essas
luminárias diabolicas.

Deve lembrar sempre que a
terra por muito ingrata e peno-
sa que seja, foi e será sempre
a eterna caixa economica sempre
aberta a toda a hora, que recebe
os menores depósitos sem ne-
nhuma formalidade e que paga
sempre juros, algumas vezes mi-
nimos, mas certos, do que se lhe
entrega.

Alexandre Lima.

Dr. Armando R. Simões

Chegou há dias a casa de seus
pais vindo de Coimbra onde foi
um dedicado aluno, e completou
o seu curso estimado amigo e
conterrâneo Dr. Armando Ro-
drigues Simões.

Para este jovem medico, que
muito honra a sua familia e a
nossa terra, vão neste momento
as nossas mais sinceras felicita-
ções, bem assim como para seus
pais.

IPOGRAFIA
CACIENSE